

**MACÁRIO E
NOITE NA TAVERNA
ÁLVARES DE AZEVEDO**



**CLÁSSICOS
SARAIVA**

Projeto Gráfico ganhador do
"AIGA 50 Books/50 Covers – 2008",
Prêmio Internacional do American Institute
of Graphic Arts (AIGA)

1ª edição
Conforme a nova ortografia

MACÁRIO E NOITE NA TAVERNA ÁLVARES DE AZEVEDO



CLÁSSICOS
SARAIVA



Editora
Saraiva

Gerente editorial
Rogério Gastaldo

Editora-assistente
Solange Mingorance

Coordenação editorial e de produção
Edições Jogo de Amarelinha

Projeto gráfico, edição de arte e diagramação
Casa Rex

Ilustração da capa
Carvall

Cotejo de originais
Carla Mello Moreira, Claudia Maietta

Revisão
Carla Mello Moreira, Ana Luiza Couto, Luciana Baraldi, Olga Sérvulo

Elaboração *Diários de um Clássico, Contextualização Histórica e Suplemento de Atividades*
Rodrigo Petronio

Elaboração *Entrevista Imaginária e Projeto Leitura e Didatização*
Vicente Luís de Castro Pereira

Impressão e acabamento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Azevedo, Álvares de
Macário e Noite na taverna / Álvares de Azevedo. —
São Paulo : Saraiva, 2010. — (Clássicos Saraiva)

Suplementado por caderno de atividades
Suplementado por roteiro do professor

ISBN 978-85-02-09486-4

1. Romance brasileiro I. Título. II. Título: Noite na taverna. III Série.

10-0293

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura brasileira 869.93

4ª tiragem, 2017

© Editora Saraiva, 2010
SARAIVA Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061
www.editorasaraiva.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

Visite o *site* dos Clássicos Saraiva:
www.editorasaraiva.com.br/classicossaraiva

CL: 810137
CAE: 571388

Caro leitor,

Durante todo o ensino fundamental, o estudante terá percorrido oito ou nove anos de leitura de textos variados. Ao chegar ao ensino médio, ele passa a ter contato com o estudo sistematizado de Literatura Brasileira. Nesse sentido, aprende a situar autores e obras na linha do tempo, a identificar a estética literária a que pertencem etc. Mas não passa, necessariamente, a ler mais.

É tempo de repensar esse caminho. É hora de propor novos rumos à leitura e à forma como se lê. Os **CLÁSSICOS SARAIVA** pretendem oferecer ao estudante e ao professor uma gama de opções de leitura que proporcione um modo de organizar o trabalho de formação de leitores competentes, de consolidação de hábitos de leitura, e também de preparação para o vestibular e para a vida adulta. Apresentando obras clássicas da literatura brasileira, portuguesa e universal, oferecemos a possibilidade de estabelecer um diálogo entre autores, entre obras, entre estilos, entre tempos diferentes.

Afinal, por que não promover diálogos internos na literatura e também com outras artes e linguagens? Veja o que nos diz o professor William Cereja: “A literatura é um fenômeno artístico e cultural vivo, dinâmico, complexo, que não caminha de forma linear e isolada. Os diálogos que ocorrem em seu interior transcendem fronteiras geográficas e linguísticas. Ora, se o percurso da própria literatura está cheio de rupturas, retomadas e saltos, por que o professor, prendendo-se à rigidez da cronologia histórica, deveria engessá-la?”

Esperamos oferecer ao jovem leitor e ao público em geral um panorama de obras de leitura fundamental para a formação de um cidadão consciente e bem-preparado para o mundo do século XXI. Para tanto, além da seleção de textos de grande valor da literatura brasileira, portuguesa e universal, os **CLÁSSICOS SARAIVA** apresentam, ao final de cada livro, os **DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO** – um panorama do autor, de sua obra, de sua linguagem e estilo, do mundo em que viveu e muito mais. Além disso, oferecemos um painel de textos para a **CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA** – contextos históricos, sociais e culturais relacionados ao período literário em que a obra floresceu. Por fim, oferecemos uma **ENTREVISTA IMAGINÁRIA** com o Autor – uma conversa fictícia com o escritor em algum momento-chave de sua vida.

Desejamos que você, caríssimo leitor, desfrute o prazer da leitura. Faça uma boa viagem!



SUMÁRIO

MACÁRIO E NOITE NA TAVERNA

MACÁRIO

Puff 11

Primeiro episódio – Numa estalagem da estrada 15

Segundo episódio – Na Itália 43

NOITE NA TAVERNA

Job Stern

I. Uma noite do século 75

II. Solfieri 79

III. Bertram 83

IV. Gennaro 95

V. Claudius Hermann 102

VI. Johann 116

VII. Último beijo de amor 121

DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO 125

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA 145

ENTREVISTA IMAGINÁRIA 153



MACÁRIO

Criei para mim algumas ideias teóricas sobre o drama. Algum dia, se houver tempo e vagar, talvez as escreva e dê a lume.

O meu protótipo seria alguma coisa entre o teatro inglês, o teatro espanhol e o teatro grego – a força das paixões ardentes de Shakespeare, de Marlowe² e Otway³, a imaginação de Calderón de la Barca⁴ e Lope de Vega⁵, e a simplicidade de Ésquilo⁶ e Eurípides⁷ – alguma coisa como Goethe sonhou, e cujos elementos eu iria estudar numa parte dos dramas dele – em Goetz de Berlichingen, Clavijo, Egmont, no episódio da Margarida de Faust – e a outra na simplicidade ática de sua Ifigênia. Estudá-lo-ia talvez em Schiller⁸ nos dois dramas do Wallenstein, nos *Salteadores*, no *D. Carlos*: estudá-lo-ia ainda na Noiva de Messina com seus coros, com sua tendência à regularidade.

É um tipo talvez novo, que não se parece com o misticismo do teatro de Werner⁹, ou as tragédias teogônicas de Oehlenschläger¹⁰ e ainda menos com o de Kotzebüe¹¹ ou o de Victor Hugo¹² e Dumas¹³.

¹ Puff: nome inspirado em Puff de Barson, personagem de *Henrique V*, ato I, cena III, de Shakespeare.

² Christopher Marlowe (1564-93): poeta e dramaturgo inglês, contemporâneo de Shakespeare e autor de *Doutor Fausto*.

³ Thomas Otway (1652-85): dramaturgo inglês.

⁴ Pedro Calderón de la Barca (1600-81): escritor e dramaturgo espanhol.

⁵ Félix Lope de Vega (1562-1635): poeta e dramaturgo, conhecido como criador do teatro espanhol do século XVII.

⁶ Ésquilo (525-456 a.C.): considerado o criador da tragédia grega. Entre as suas peças está *Prometeu acorrentado*.

⁷ Eurípides (485-406 a.C.): um dos principais poetas trágicos de seu tempo, autor de *Medeia*.

⁸ Johann C. Friederich von Schiller (1759-1805): dramaturgo, poeta e historiador alemão.

⁹ Zacharias Werner (1768-1823): poeta dramático do romantismo alemão.

¹⁰ Adam Gottlob Oehlenschläger (1778-1850): poeta dinamarquês.

¹¹ August von Kotzebüe (1761-1819): dramaturgo alemão.

¹² Victor Hugo (1802-85): um dos principais nomes do romantismo francês, autor de obras líricas, romances históricos e dramas.

¹³ Alexandre Dumas, pai (1802-70): escritor e dramaturgo francês, autor de *Os três mosqueteiros* e *O conde de Monte Cristo*, tido como um dos representantes do melodrama francês. Seu filho, também Alexandre Dumas (1824-95), escritor e dramaturgo, é autor de *A dama das camélias*.

Não se pareceria com o de Ducis¹⁴, nem com aquela tradução bastarda, verdadeira castração do *Otelo* de Shakespeare, feita pelo poeta sublime do Chatterton, o conde Vigny¹⁵. – Quando não se tem alma adejante para emparelhar com o gênio vagabundo do autor de *Hamlet*, haja ao menos modéstia bastante para não querer emendá-la. Por isso o *Otelo* de Vigny é morto. É uma obra de talento, mas devia ser um rasgo de gênio.

Emendá-lo? pobres pigmeus que querem limar as monstruosidades do Colosso¹⁶! Raça de Liliput¹⁷ que queria aperfeiçoar os membros do gigante – disforme para eles – de Gulliver!

E digam-me: que é o disforme? há aí um anão ou um gigante? Não é assim que eu o entendo. Haveria enredo, mas não a complicação exagerada da comédia espanhola. Haveria paixões, porque o peito da tragédia deve bater, deve sentir-se ardente – mas não requintaria o horrível, e não faria um drama daqueles que parecem feitos para reanimar corações-cadáveres, como a pilha galvânica as fibras nervosas do morto!

Não: o que eu penso é diverso. É uma grande ideia que talvez nunca realize. É difícil encerrar a torrente de fogo dos anjos decaídos de Milton ou o pântano de sangue e lágrimas do Alighieri dentro do pentâmetro de mármore da tragédia antiga. Contam que a primeira ideia de Milton foi fazer do *Paraíso perdido* uma tragédia, um mistério... não sei o quê... Não o pôde: o assunto transbordava, crescia, a torrente se tornava num oceano. É difícil marcar o lugar onde para o homem e começa o animal, onde cessa a alma e começa o instinto, onde a paixão se torna ferocidade. É difícil marcar onde deve parar o galope do sangue nas artérias, e a violência da dor no crânio. Contudo, deve haver – e o há – um limite às expansões do ator, para que não haja exageração, nem degenerere num papel de fera o papel de homem. O *Pobre idiota* tem esse defeito entre mil outros. A cena do subterrâneo é interessante, mas é de um interesse semelhante àquele que excitava o *Jocko* ou o *homem das matas*¹⁸ – aquele macaco representado por Marcetti¹⁹ que fazia chorar a plateia.

12

¹⁴ Jean François Ducis (1733-1816): poeta e autor trágico francês.

¹⁵ Alfred de Vigny (1797-1863): escritor romântico francês.

¹⁶ Colosso: a estátua de Apolo, em bronze, com trinta metros de altura, localizava-se na entrada do porto da ilha grega de Rodes e foi esculpida em 282 a.C. O terremoto de 226 a.C. provocou a sua submersão.

¹⁷ Liliput: país imaginário criado por Jonathan Swift (1667-1745), em *Viagens de Gulliver*.

¹⁸ *Jocko* ou o *homem das matas*: provável referência ao melodrama de Gabriel e Rochefort, *Jocko ou le singe du Brésil*, cerca de 1826.

¹⁹ Marcetti: célebre ator dramático.

O *Pobre idiota* representa o idiotismo do homem caído na animalidade. O ator fez o papel que devia – não exagerou –, representou a fera na sua fúria, uma fera, onde por um enxerto caprichoso do imitador de Hauser²⁰ havia um amor poético por uma flor e uma estampa!

A vida e só a vida! mas a vida tumultuosa, fêrvida, anelante, às vezes sanguenta – eis o drama. Se eu escrevesse, se minha pena se desvairasse na paixão, eu a deixaria correr assim. Iago enganaria o Mouro, trairia Cássio, perderia Desdêmona e desfrutaria a bolsa de Rodrigo. Cássio seria apunhalado na cena. *Otelo* sufocaria sua veneziana com o travesseiro, escondê-la-ia com o cortinado quando entrasse Emília: chamaria sua esposa – a *whore*²¹– e gabar-se-ia de seu feito. O *honest, most honest*²² Iago viria ver a sua vítima, Emília soluçando a mostraria ao demônio; o Africano delirante, doido de amor, doido de a ter morto, morreria beijando os lábios pálidos da veneziana. Hamlet no cemitério conversaria com os coveiros, ergueria do chão a caveira de Yorick, o truão; Ofélia coroada de flores cantaria insana as balatas obscenas do povo; Laertes apertaria nos braços o cadáver da pobre louca. Orlando no *What you will*²³ penduraria suas rimas de Rosalinda²⁴ nos arvoredos dos Cevennes. Isto seria tudo assim.

Se eu imaginasse o *Otelo*, seria com todo o seu esgar, seu devário selvagem, com aquela forma irregular que revela a paixão do sangue. É que as nódoas de sangue quando caem no chão não têm forma geométrica. As agonias da paixão, do desespero e do ciúme ardente quando coam num sangue tropical não se derretem em alexandrinos, não se modulam nas falas banais dessa poesia de convenção que se chama – conveniências dramáticas.

Mas se eu imaginasse primeiro a minha ideia, se a não escrevesse como um sonâmbulo, ou como falava a Pitonisa convulsa agitando-se na trípole, se pudesse, antes de fazer meu quadro, traçar as linhas no painel, fá-lo-ia regular como um templo grego ou como a *Atália* arquetipa de Racine.

São duas palavras estas, mas estas duas palavras têm um fim: é declarar que o meu tipo, a minha teoria, a minha utopia dramática, não é esse drama que aí vai. Esse é apenas como tudo que até hoje tenho esboçado, como um romance que escrevi numa noite de insônia – como um poema que cismeí numa semana de

²⁰ Kaspar Hauser: figura de origem desconhecida, encontrada aos 16 anos em uma praça pública de Nurenberg, 1828. Não sabia falar, andava cambaleando e comportava-se como criança. Em 1974, o diretor alemão Werner Herzog realizou o filme *O enigma de Kaspar Hauser*, obra de grande repercussão cinematográfica.

²¹ Em inglês. Tradução: “prostituta”.

²² Em inglês. Tradução: “honesto, o mais honesto”.

²³ Em inglês. Tradução: “o que você faria”.

²⁴ Rosalinda e Orlando: protagonistas da comédia de Shakespeare *Como gostais*.

febre – uma aberração dos princípios da ciência, uma exceção às minhas regras mais íntimas e sistemáticas. Esse drama é apenas uma inspiração confusa – rápida – que realizei à pressa como um pintor febril e trêmulo.

Vago como uma aspiração espontânea, incerto como um sonho; como isso o dou, tenham-no por isso.

Quanto ao nome, chamem-no drama, comédia, dialogismo: – não importa. Não o fiz para o teatro: é um filho pálido dessas fantasias que se apoderam do crânio e inspiram a *Tempestade* a Shakespeare, *Beppo* e o IX Canto de *D. Juan* a Byron; que fazem escrever *Annunziata* e *O Conto de Antônia* a quem é Hoffmann²⁵ ou *Fantasio* ao poeta de *Namouna*²⁶.

²⁵ E. T. A. Hoffmann (1776-1822): escritor, compositor, desenhista e jurista alemão, Hoffmann tornou-se célebre por seus contos de cunho sinistro, de humor negro.

²⁶ *Fantasio* e *Namouna*: respectivamente comédia e poema de cunho fantástico e irônico, do poeta romântico francês Alfred de Musset (1810-57).

PRIMEIRO EPISÓDIO NUMA ESTALAGEM DA ESTRADA

MACÁRIO²⁷ (*Falando para fora.*)

Olá, mulher da venda! Ponham-me na sala uma garrafa de vinho, façam-me a cama e mandem-me ceia: palavra de honra que estou com fome! Deem alguma ponta de charuto ao burro que está suado como um frade bêbado! Sobretudo não esqueçam o vinho!

UMA VOZ

Há aguardente unicamente, mas boa.

MACÁRIO

Aguardente! Pensas que sou algum jornalista?... Andar seis léguas e sentir-se com a goela seca. Ó mulher maldita! aposto que também não tens água?

A MULHER

E pura, senhor! Corre ali embaixo uma fonte que é limpa como o vidro e fria como uma noite de geada. (*Sai.*)

MACÁRIO

Eis aí o resultado das viagens. Um burro frouxo, uma garrafa vazia. (*Tira uma garrafa do bolso.*) Conhaque! És um belo companheiro de viagem. És silencioso como um vigário em caminho, mas no silêncio que inspiras, como nas noites de luar, ergue-se às vezes um canto misterioso que enleva! Conhaque! Não te ama quem não te entende! não te amam essas bocas feminis acostumadas ao mel enjoado da vida, que não anseiam prazeres desconhecidos, sensações mais fortes! E eis-te aí vazia, minha garrafa! vazia como mulher bela que morreu! Hei de fazer-te uma nênia²⁶.

E não ter nem um gole de vinho! Quando não há o amor, há o vinho; quando não há o vinho, há o fumo; e quando não há amor, nem vinho, nem fumo, há o *spleen*²⁷. O *spleen* encarnado na sua forma mais lúgubre naquela velha taverneira repassada de aguardente que tresanda!

²⁷ Macário: nome provavelmente baseado no personagem Robert Macaire, popularizado pelo melodrama *L'Auberge des Adrets*, de Benjamin Antier, Saint-Amand e Paulyanthe.

²⁸ Nênia: lamentação fúnebre.

²⁹ Em inglês. Tradução: "baço".

(Entra a mulher com uma bandeja.)

A MULHER

Eis aqui a ceia.

MACÁRIO

Ceia! que diabo de comida verde é essa? Será algum feixe de capim? Leva para o burro.

A MULHER

São couves.

MACÁRIO

Leva para o burro.

A MULHER

É fritado em toicinho

MACÁRIO

Leva para o burro com todos os diabos!

(Atira-lhe o prato na cabeça. A mulher sai. Macário come.)

UM DESCONHECIDO *(Entrando.)*

Boa noite, companheiro.

MACÁRIO *(Comendo.)*

Boa noite.

O DESCONHECIDO

Tendes um apetite!...

MACÁRIO

Entendo-vos. Quereis comer? sentai-vos. Quereis conversar? esperai um pouco.

O DESCONHECIDO

Esperarei. *(Senta-se.)*

MACÁRIO *(Comendo.)*

Parece-me que não é a primeira vez que vos encontro. Quando a noite caía, ao subir da garganta da serra...

O DESCONHECIDO

Um vulto com um ponche vermelho e preto roçou a bota por vossa perna...